

Matéria de Poesia: por um plano de pensamento contra-hegemônico

Poetry Material: for an anti-hegemonic plan of thought

 Rodrigo Peixoto Barbara¹

 Luciene de Oliveira Dias²

Resumo

Objetiva-se com essa escritura, ampliar os estudos da vertente contra-hegemônica tendo como contribuição a poética de Manoel de Barros. Para tanto, esse texto vem subdividido em três partes. Na primeira delas faz-se uma breve biografia do poeta em questão, trazendo argumentações sobre quem e quais seriam suas matérias de poesia, bem como apresenta uma percepção acerca de sua performance poética. Na segunda parte expõem-se considerações sobre o conceito de contra-hegemonia pautadas nos pensamentos do filósofo italiano Antônio Gramsci e do filósofo e educador brasileiro, Paulo Freire. Na terceira e última parte, dispõem-se de algumas reflexões sociais contra-hegemônicas tendo como respaldo importantes versos do poema manoelino Matéria de Poesia.

Palavras-chave: Poesia. Manoel de Barros. Performance textual.

Abstract

The aim of this academic writing is to broaden the studies of the anti-hegemonic line, having as a contribution the poetry of Manoel de Barros. In order to do this, this text is subdivided into three parts. Firstly, we write a biography of the poet in question, bringing out arguments of whom and what his poetry material would be about.

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Artes Cênicas pela UFG e Pedagogo com especialização em Neuropsicopedagogia Clínica pela Faculdade Dom Alberto/RS. E-mail: teatrodrigo.arte@gmail.com.

² Doutora em Antropologia pela UnB. Mestra em Ciências do Ambiente pela UFT. Especialista em Cultural Studies pela University of Arkansas (EUA). Professora da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do Pindoba – Grupo de Pesquisa em Narrativas da Diferença. Pesquisa em interface com os estudos de Performances Culturais, Comunicação e Antropologia. E-mail: lucienedias@ufg.br.

Moreover, we show our perception of his poetical performance. Secondly, we present views about the concept of counter-hegemony based on the thoughts of the Italian philosopher Antônio Gramsci and the Brazilian philosopher and educator Paulo Freire. Thirdly, we expound several anti-hegemonic social reflections which are supported by significant verses taken from the poem Poetry Material, by Manoel de Barros.

Keywords: Poetry. Manoel de Barros. Textual performance.

1. Prólogo³

R-existir! Vivemos em um mundo em que se faz necessário, dia-após-dia, resistir para existir. Existir em nossas mais distintas singularidades. Existir em plenitude, tal como somos, sem amarras, sem ter a necessidade de nos enquadrar aos moldes estabelecidos pelas normatividades vigentes. As normas, *a priori*, estabelecem, definem e, mais preocupante, padronizam. Nos colocam de uma mesma forma em uma mesma fôrma. Põem-nos socialmente aceitos e nos distanciam de nossas essências, ancestralidades, vontades e desejos. Afastam-nos de nós e nos enquadram e limitam. Apagam nossas individualidades. Silenciam identidades. E quem é que faz isso? E por quê?

Quando olhamos para a nossa estrutura social e fazemos memória do contexto histórico que, de alguma forma, ajudamos a escrever, conseguimos notar quais foram os que sempre impuseram suas verdades e legislaram sobre o que se deveria seguir. Estes foram os mesmos que incitaram a segregação, que declararam juízos de valores, que sobrepueram uma cultura à outra, que escravizaram pessoas negras, que domesticaram mulheres, que assassinaram LGBTs⁴, que inviabilizaram

³ Ressaltamos que as notas de rodapé, aqui, adquirem uma proposta de diálogo direto com o texto, portanto, contará, também, com algumas citações. As notas de rodapé se fazem fundamentais para uma boa imersão no que aqui exporemos.

⁴ Utilizamos a sigla LGBT enquanto categoria guarda-chuva capaz de dar representatividade a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros e outras identidades não-heteronormativas e não-cisnormativas. Aderimos, com essa escolha de escrita, a mesma nomenclatura aprovada pela I Conferência Nacional GLBT, em 2008. Reforçamos que esta denominação, como mostra sua trajetória recente, é aberta e sujeita a contestações, variações e mudanças. Sendo assim, nomenclaturas como LGBTQ, LGBTI, LGBTQIA ou LGBTQIA+ dão destaques inclusivos para outras identidades, a exemplo de Intersexos e Queer. Contudo, justificamos nossa decisão de escrita da sigla LGBT considerando a relevância política e histórica

políticas públicas de acessibilidade às minorias, que afirmaram que são falácias o feminicídio, a homofobia, o racismo e as outras lutas. Os mesmos que contribuíram e que ainda contribuem com a dinastia do padrão social. E o porquê disso? Porque a parcela considerada subalterna não pode ter lugar de destaque. Não pode falar. Deve se reconhecer e permanecer subalterna. Não pode ser! Deve se calar e aceitar todos os tipos de imposições. Não é permitido contestar a ordem e, muito menos, com seu discurso de empoderamento, incitar a desordem. Acima de tudo obediência civil e reverência à hegemonia.

Devido a esse contexto, durante os últimos anos, e não que isso seja uma ação atual, houve um crescimento de e nas manifestações no Brasil e no mundo afora. As pessoas, fatigadas por imposições, silenciamento de vozes e anulação de condições de existência, estão se unindo, de diversas formas, para se posicionarem contra todo tipo de clausura que incita e efetiva a exclusão, seleciona e escolhe quem pode viver e quem deve morrer. Na contramão, temos quem se contraponha a hegemonia e sustenta uma contra-hegemonia em que todas as pessoas, distintas, sejam respeitadas em suas diferenças. Não reivindicando a igualdade, o padrão, mas a pluralidade das existências.

Toda essa explanação atenta-se ao percurso que já foi trilhado até agora. E mais, reconhece a grandeza do enfrentamento que vem pela frente. Escrever sobre tudo isso pode parecer uma tarefa fácil, e até concordamos que seja, diante da difícil tarefa de resistir estando na linha de frente. Mas um texto, assim como as diversas formas de posicionamento contra um sistema excludente, é, também, um ato de resistência. É uma manifestação, *a priori*, íntima, e, posteriormente, pública, tendo em vista que se intenta o ato de leitura. Ou seja, uma manifestação, um posicionamento escrito que almeja instigar um pensar sobre/no outro. Quem se propõe a existir e a lutar pelas existências, seja em um texto, desenho, pintura, teatro, dança, música, ou até em protestos, é porque se sentiu ou se sente negligenciado, de alguma ou de várias formas, de sua liberdade para existir e passa a lançar mão de sua performatividade existencial como estratégia de vida.

desta nomenclatura para processos de busca por cidadania impulsionada pelo movimento social organizado.

É assim que esse texto se encorpa. Ganha corpo, escrita e reflexão. Funda um pensamento que, conglomerando a outros, pode permitir um adensamento das questões sociais emergentes e urgentes. Questões descentralizadas, à margem, que necessitam de mais vozes para que o canto seja maior e consiga, aos poucos, se sobressair a um espaço saturante, impositivo, normativo e que apaga algumas particularidades em detrimento de outras tidas e consagradas como modelo socialmente aceito. Para tanto, essa voz textual que se intenta corpo por meio das palavras, faz uso da voz poética de Manoel de Barros. De seu repertório amplo de poesias escolhemos uma que nos ajuda a compor o pensamento central desse texto. A poesia eleita foi: Matéria de Poesia, do livro Matéria de Poesia, publicado em 1974.

Manoel de Barros alimenta uma “performance criativa” de construção da poesia. Sua “performance poética” tem profundas convergências com a abordagem nessa escritura/texto/performance. Por isso, apresentamos um plano de pensamento sobre o conceito de contra-hegemonia fundamentado em Antônio Gramsci, filósofo italiano, e em Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro. À luz de Matéria de Poesia, distendemos reflexões sociais contra-hegemônicas na intenção de, poética e interdisciplinarmente, propor mais um estudo que, unido aos de Spivak, Chimamanda Adichie, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, bell hooks, Angela Davis, Djamila Ribeiro, entre outras, fortalece e contribui com as pesquisas das chamadas minorias, pois é por meio da multiplicação dessas propostas, no acréscimo das vozes, que o empoderamento do discurso contra-hegemônico ganha consistência e se firma como estrutura social: política, ética, estética, cultural e existencial.

2. Des/bio-grafando Manoel de Barros⁵

⁵ Os dados biográficos foram retirados do livro Encontros, organizado por Adalberto Müller, que reúne uma coletânea de entrevistas com Manoel de Barros e dos filmes/documentários: Só dez por cento é mentira, de Pedro César, Manual de Barros, de Joel Pizzini e Paixão pela palavra, de Cláudio Savageti e Enilton Rodrigues. Cabe ressaltar que a opção por “Des/bio-grafando” vem de uma afirmativa do poeta que diz: “Não sou biografável. Ou, talvez seja. Em três linhas. 1. Nasci na beira do rio Cuiabá. 2. Passei a vida fazendo coisas inúteis. 3.guardo um recolhimento de conchas. (E que seja sem dor, em algum banco da praça, espantando da cara as moscas mais brilhantes)” (BARROS apud WALDMAN, 1992, p. 11, grifos de Barros e Waldman).

Manoel Wenceslau Leite de Barros, mais conhecido como Manoel de Barros, nasceu em Cuiabá no dia 19 de dezembro de 1916 e faleceu em Campo Grande em 13 de novembro de 2014. Foi esposo de Stella de Barros, pai de Pedro, João e Martha e filho do capataz João Wenceslau Leite de Barros e da dona de casa Alice Pompeu de Barros. Manoel de Barros teve uma vida simples e, desde a infância foi se constituindo poeta⁶. Essa constituição teve a salutar contribuição de suas experiências com a natureza, uma vez que se criou na fazenda de seus pais, e com a classe letrada, intelectual. Podemos dizer que os primeiros professores do poeta sul-mato-grossense foram os bichos, as árvores, o cisco, o mato e as águas. Esse contato direto com o chão e com as coisinhas brotadas e abandonadas nele fez com que fosse alimentando sua criatividade poética, essa que se aprimorou com o passar dos anos.

Ainda na infância, com oito anos, o poeta deixou a fazenda de seus pais para cursar o primário em internatos em Campo Grande. Nesse distanciamento, também estudou em um colégio de padres maristas, no Rio de Janeiro. Um acontecimento marcante de seus estudos primários foi a aproximação que teve com Padre Ezequiel⁷, de quem Manoel de Barros sempre falou com muito carinho e encantamento. Padre Ezequiel foi quem fez o ainda pequeno poeta gostar de ler, apresentando-o os escritos de Padre Antônio Vieira. Vieira, pela estética singular de sua escrita, foi um marco poético na vida de Manoel de Barros. Certamente um verdadeiro encontro literário logo na infância.

Seu apreço pelos estudos, especificamente pela leitura, surge, assim, pela incitação de Padre Ezequiel e contato com Padre Vieira. Seguindo suas próprias trilhas, Manoel de Barros foi ampliando cotidianamente seu repertório cognitivo. Foi leitor de Aristóteles, Platão, Camões, Proust, Kafka, Rimbaud, Beckett, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond e muitos outros. No campo das artes, foi um apreciador das obras de Pablo Picasso, Marc Chagall, Van Gogh, Frederico Fellini, Luis Buñuel, Charles Chaplin etc. Além do contato com

⁶ “Eu estava ainda escondido na infância e a palavra me achou lá” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 111).

⁷ O nome Ezequiel não corresponde ao nome verdadeiro do padre em questão. Foi mais uma das invenções de Manoel de Barros.

escritores, pensadores e artistas, Manoel de Barros teve outras experiências tais como suas viagens e estadias no exterior; sua participação na política, pelo partido comunista, que lhe custou a apreensão, pela ditadura Vargas, de seu primeiro manuscrito para um livro de poemas: Nossa Senhora da Minha Escuridão; sua formação em Direito; seu encontro e casamento com Stella de Barros; o nascimento de seus filhos; a morte de seus pais; a herança de uma fazenda e o retorno às origens.

O retorno às origens, aqui, demarca um ponto importante na vida poética de Manoel de Barros. Com a morte de seu pai, o poeta sul-mato-grossense recebe como herança uma fazenda de bois e, com isso, mantém, por algum tempo, a vida subdividida entre Rio de Janeiro, onde era advogado, mas não gostava, e o Pantanal, onde se tornara fazendeiro. Aconselhado por Stella, sua esposa, resolve não vender a fazenda e se mudar para o campo. Com isso, Manoel de Barros deixa o Rio de Janeiro e, conseqüentemente, a advocacia. Mas foi somente após dez anos de lida com a fazenda que esta começa a dar lucro e, por fim, Manoel consegue o que sempre buscou na vida: comprar o ócio e, nas palavras dele, se tornar um vagabundo profissional. Conseguiu ficar à disposição da poesia, sem interferências, sem outras profissões. Pôde se dedicar ao labor poético em tempo integral. Mas vale lembrar que, cronologicamente, não foi esse o período em que Manoel de Barros deu início à escrita de suas poesias, mas sim o marco referencial da exclusividade a esse ato. O primeiro manuscrito de poesias, datado em 1935, como reportado, foi apreendido pela polícia e nenhum poema se recuperou. Com isso, Poemas concebidos sem pecado, de 1937, torna-se o primeiro livro publicado de Manoel de Barros e Portas de Pedro Viana o último, publicado em 2013.

Podemos dizer que 79 anos (levando em consideração a data de seu manuscrito, em 1935), de seus 97 anos, foram dedicados à poesia e, desses 79 anos, como já reportado, alguns foram dedicados parcialmente e outros exclusivamente. Mas tal fato não pode anular o seu ofício de poeta desde o seu nascimento. Manoel de Barros nasceu poeta e foi se consolidando como fazedor de poesias com o decorrer dos anos, com as interferências durante sua existência terrena. Mediado por todas as suas experiências de vida, foi adquirindo uma forma

singular de escrita⁸ e foi se tornando proponente de uma poesia acolhedora e, por isso, transgressora, pois, exemplificando, colocou a “invencionática”⁹ em pé de igualdade com a informática. Manoel de Barros foi um poeta que estudou, foi conhecedor da gramática, das letras, das literaturas, das artes, das filosofias, das leis e, antes e além de tudo, foi um conhecedor da natureza, do mato, dos bichos, do mundo, do ser humano e prezou pela simplicidade. Deu destaque às coisas simples. Um poeta que com o conhecimento proporcionado pela intelectualidade povoou e consagrou seus escritos com a sabedoria animal, vegetal, mineral, “coisal”. E sua poética mexe e remexe com quem lê, pesquisa e faz arte.

2.1 Matérias para poesias

As próprias poesias de Manoel de Barros, em uma performativa metalinguagem, respondem o que são suas matérias. Não se faz necessário ler muitas de suas obras para saber o que e quem foram matérias de sua poesia. Arriscamos dizer que as obras manoelinas são relatos poéticos de sua vivência. Com sua engenhosidade para manipular as palavras e formar frases, ele colocou grande parte da sua existência nas páginas que escreveu. Claro, com doses consideráveis de invenção. Com arte. Em poesia. Na des/bio-grafia apresentada falamos da infância, dos bichos, do mato, da natureza, do cisco e de personalidades tais como Guimarães Rosa, Chaplin e Oswald de Andrade e tudo isso e todos esses podem ser vistos em sua poesia. Podemos dizer que Manoel de Barros, assim como tantos outros escritores e artistas, foi fruto de suas vivências e marcado pelo seu contexto social e cultural.

O poeta nasceu no período em que estava acontecendo a Primeira Guerra Mundial; quando estava com seis anos de idade acontecia no Brasil a Semana de Arte Moderna, Semana de 22 como é conhecida; assistiu, agora já adulto, todo o desdobramento da Segunda Guerra Mundial; presenciou e sentiu a sordidez da ditadura pelo regime militar; por intermédio da sede que tinha pelo conhecimento,

⁸“Não sei se faço parte de uma tradição na literatura brasileira. Eu criei um estilo próprio” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 139).

⁹ Termo usado por Manoel de Barros.

deve ter estado a par dos movimentos de contracultura; vivenciou o raiar da democracia pós regime totalitário; e participou de outros acontecimentos.

Por ter Manoel de Barros nascido e vivido em um momento de grandes mudanças no Brasil e no mundo, suas poesias, marcadas por uma estética própria, intermediada pela subjetividade humana do poeta, de apreensão das coisas e dos fatos, podem ter sido influenciadas por essa reunião de acontecimentos. Não queremos rotular a poesia manoelina de histórica, isso não é e não será a nossa intenção, uma vez que a presente obra rompe com todos os tipos de clausuras, mas aspiramos apontar que, escrita por um ser humano, poeta, influenciado por estéticas modernistas e outras mais, dentro de contextos sociais, falou de pessoas, de coisas, de situações, de sentimentos advindos de acontecimentos realmente marcantes em sua vida.

Manoel de Barros trouxe, também, à sua poesia, a solidão, o abandono, o silêncio, os marginalizados, os inservíveis, os inúteis, os vagabundos, os destroços, os homens jogados fora, os insignificantes, os animais, a natureza, entre outros mais. Juntamente com a humanidade e a generosidade, tudo isso foi matéria para suas poesias e estas, conseqüentemente, a sua voz. O grito do poeta! E como podemos afirmar isso? Manoel de Barros foi um poeta muito detalhista e, declaradamente¹⁰, só se abria com as palavras e em palavras. Ele disse que o seu ofício era o de escrever poesia, inutilizas¹¹, e estas não tinham a intenção de informar nada. Não havia o que compreender. A compreensão é a morte de suas poesias e a razão a forma errada de se abordar seus poemas¹². Então se não é racionalmente que lemos Manoel de Barros, como é que podemos identificar a possibilidade dessas influências sociais e culturais em sua obra? Pela via da incorporação. Via essa solicitada pelo poeta quando diz que poesia não é para compreender, mas para incorporar, compreender é parede, procure ser uma árvore¹³.

¹⁰ Manoel de Barros afirmou várias vezes que se dava bem era com as palavras, escrevendo. Era tímido demais para a oralidade. As entrevistas orais o inibiam.

¹¹ "Sou absolutamente inútil, só sei fazer poesia" (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 107).

¹² "Não serei nunca um poeta cerebral" (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 63).

¹³ "Para entender nós temos dois caminhos: o da/ sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da/ inteligência que é o entendimento do espírito./ Eu escrevo com o corpo/ Poesia não é para

Incorporando, chegamos ao cerne do poema, tocamos o seu nascimento, saímos do plano da razão e alcançamos a sensibilidade poética que é prenhe de significados. E aqui apresentamos uma importante descoberta da incorporação: os significados, no plural, ou seja, probabilidades. Manoel de Barros consegue, nos apresentando os destroços em sua poesia, por meio da sensibilidade de quem lê pela performance da incorporação, participar de uma comunhão com os destroços das duas Grandes Guerras Mundiais. Também é pela sensibilidade corporal de quem lê a sua poesia que conseguimos observar na figura do caracol, a solidão que anda na parede¹⁴, a imagem dos andarilhos¹⁵, dos mendigos, dos marginalizados. Há, aí, uma possibilidade de desterritorialização tanto do signo quanto do significado, sendo que o que alimenta essa possibilidade é a entrega total à poesia. Isso pode não vir de imediato e nem deve ser apressado. A compreensão requer a resposta imediata e coerente. A incorporação requer a vivência e a multiplicidade de entendimentos. A compreensão limita. A incorporação abrange. Direta e/ou indiretamente os poemas manoelinos nos apontam para uma infinidade de interpretações e é isso que nos possibilita fazer um retorno aos fatos marcantes da época de Manoel de Barros; refletirmos sobre situações atuais ou até mesmo fazermos viagens distintas e inusitadas por intermédio de suas imagens poéticas.

Manoel de Barros não entregou nada pronto. Sua poesia é povoada de imaginação/invenção, de signos, de significados e são os leitores e leitoras que, ao incorporar suas obras, fundamentam suas reflexões. Novamente ressaltamos que não estamos aqui querendo limitar a poesia manoelina, dando sentidos acabados. Não queremos sinalizar respostas prontas para as viagens poéticas de Manoel de Barros, e, com isso, contextualizar historicamente uma poesia que, por natureza e essência, é livre. O que intentamos, na sugestiva liberdade poética barrense a nós concedida, é propor algumas ligações que acreditamos, também, terem estado

compreender, mas para incorporar/ Entender é parede: procure ser uma árvore” (BARROS, 2010, p. 178).

¹⁴ “Caracol é uma solidão que anda na parede” (BARROS, 2010, p. 281).

¹⁵ É importante ressaltar que muitos(as) assumem a condição de andarilho(a) por gosto, pela liberdade. Assim, faz-se dessa condição, uma opção de vida.

ativas no pensamento do poeta já que ele, em suas próprias palavras, era um colhedor das incitações de seu quintal existencial e linguístico¹⁶.

2.2 Performance textual/poética

“Não tenho método e nem métodos” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 64). É com essa fala que propomos abordar a performance textual/poética de Manoel de Barros. O poeta, como apresentado na citação, já evidencia que seu processo criativo não é rígido. Não segue uma linearidade e o resultado desse movimento tem reflexo direto em suas poesias. Uma coletânea de poemas manoelinos, quando reunida em um livro, explora a multiplicidade. É como se a imensidão inteira estivesse presente. O poeta em questão não segue uma lógica de composição, um tema, por mais que todos os seus livros tenham um nome. Mas os nomes dos livros/obras de Manoel de Barros são muito abrangentes, para acolher todas as invenções do poeta. Para exemplificar trazemos alguns¹⁷: Poemas concebidos sem pecado (1937), Matéria de poesia (1974), Livro de pré-coisas (1985), O livro das ignoranças (1993), Livro sobre nada (1996) e Tratado geral das grandezas do ínfimo (2001).

O fato de Manoel de Barros ter dito que não possuía método e métodos não significa que suas poesias foram criadas do nada e de qualquer jeito. Muito pelo contrário, não ter métodos e, mesmo assim, escrever poesias com tanta profundidade requereu uma disciplina rigorosa do poeta. E isso ele evidenciou em uma de suas entrevistas: “tenho uma disciplina: escrevo, leio, invento essas coisas, releio. Vou ao meu escritório, que chamo de escritório de ser inútil, às sete da manhã e saio às onze. Isto não é para me forçar, tenho prazer” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 107). Acerca das matérias de poesias para Manoel de Barros, os

¹⁶“Lapido os poemas. Não acredito em inspiração. Primeiro anoto tudo em meu pequeno caderninho, juntando minhas experiências existenciais e linguísticas” (BARROS apud MÜLLER, 2010, pp. 138, 139). E ainda: “sou um depósito daquelas coisinhas do meu quintal. E aquelas coisinhas do meu quintal misturavam-se ao mesmo tempo às outras coisinhas dos meus armazenamentos ancestrais. Minha poesia há de ser um pouco o resultado dessa mistura, e mais o instinto linguístico” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 124).

¹⁷A data entre parênteses é o ano da publicação de cada obra.

elementos constituintes de sua poética, colhidos no quintal existencial e linguístico do poeta, foram tratadas com muita seriedade no escritório de ser inútil. Não era no mato que Manoel escrevia, mas sim sob o resguardo de seus dicionários que a poesia ia nascendo. Dos dicionários e da ponta de seus lápis. As palavras amanheciam no poeta e este, por sua vez, dormia com as palavras. Uma entrega sacerdotal, íntima, ao ofício de lapidar o poema. Deixar misturar aos vocábulos o sangue e o suor do poeta. Fazer nascimentos poéticos leva tempo. É uma gestação e, como toda gestação, uma é diferente da outra. Assim como os filhos, que em suas singularidades se diferem, o mesmo acontece com as poesias, que nascem e são distintas umas das outras.

Um método definido poderia não dar conta desses nascimentos e limitaria o processo criativo de Manoel de Barros, que disse escrever com o corpo e que o poeta não é necessariamente um ser intelectual, mas sensual (BARROS apud MÜLLER, 2010). E como seria isso: Escrever com o corpo? Poeta sensual? Sendo incorporadores das poesias manoelinas e conhecedores de um pouco do processo criativo do poeta, arriscamos um pensamento sobre. Manoel de Barros, como reportado, nasceu poeta. As palavras o acharam escondido na infância e, desde então, o poeta, para o bem da sua poesia, nunca mais foi “normal” e de tão anormal que foi, precisou que a sua fazenda desse lucro para que ele pudesse comprar o ócio e se tornar um vagabundo profissional. Ficar à disposição das suas inutilidades. Falar das poesias de Manoel de Barros é falar do próprio poeta. No documentário de Pedro Cezar, Só Dez Por Cento é Mentira, Manoel relata que o seu eu verdadeiro está em sua obra poética e que a melhor forma de o conhecer seria lendo suas poesias. Foi em seus poemas que o poeta esteve em totalidade. Manoel de Barros (apud MÜLLER, 2010) evidenciou que cada poema nascido era composto de cacos de si espalhados por aí. Com isso, temos nas poesias de Manoel de Barros, seu corpo exposto. Uma poesia carnal.

Escrever com o corpo é se entregar a um devir “letral”. É não ter a clara distinção, no poema, acerca de quem é o poeta e o que é a poesia, pois os dois são um só, uma só carne, e se misturam. Se fundem e se confundem. Poesia e poeta, nesse caso, possuem o dom da mediunidade: o poeta como médium da poesia e a

poesia como médium do poeta. Um acolhe a outra e vice-versa. Manoel de Barros morreu. Sua matéria foi enterrada e decomposta, porém, pela poesia, sobrevive e sobreviverá. Ela será sempre a materialização manoelina. A sua perpetuação. O corpo de Manoel de Barros tornou-se palavra e se corporificou em poesia.

O poeta, como ele mesmo disse, foi excitado pelas palavras¹⁸. Escreveu com o corpo em um devir poético: devir animal, mineral, vegetal, “coisal”, “letral”. Manoel cisco, destroço, lesma, caracol, bicho, água, pássaro, vagabundo, marginalizado... Podemos dizer que Manoel de Barros reunia a imensidão inteira dentro de si e se via como a extensão de tudo e de todos, tal como preconiza a saudação maia *In Lake'ch*¹⁹, que significa: eu sou um outro você. E é sendo um poeta sensual, que aborda as incitações da existência pelo sentir, que se consegue afirmar que “a borboleta morre verde em seu olho sujo de pedra” (BARROS, 2010, p. 174), que “em cima das casas um menino avino assobia de sol!” (IDEM, 2010, p. 136) e que o poeta “é promíscuo dos bichos, dos vegetais, das pedras. Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas. Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs” (IDEM, 2010, p. 137).

Ser um poeta que escreve com o corpo é estar aberto a uma sensualização com as palavras, sentindo-as roçar em sua carne e roçando nelas, até que elas se mostrem poéticas ao poeta, se mostrem prontas ao poema. E tudo isso é muito performático, artístico. É subversivo. As poesias manoelinas são performáticas e subversivas tanto em seus nascimentos quanto em suas estéticas, convidando o leitor a abandonar a leitura racional, como comumente se faz, e entrar no poema pela performance da incorporação, roçando nas palavras e sentindo os sentidos poéticos dispostos, ou não²⁰, pelo poeta.

Nesse caso, a performance poética de Manoel de Barros aqui discutida vai ao encontro e se fundamenta no pensamento de Richard Schechner, acerca do que seja performar. Para Schechner (2014, p. 720), “performar é explorar, jogar,

¹⁸ “Não escrevo por inspiração. E nem sei bem o que seja inspiração. Eu escrevo por excitação. Se uma palavra me excita, eu vou nela” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 170).

¹⁹In *Lake'ch* “é a mensagem de comunhão universal. Por isso, quando um maia encontra o outro, ele diz: “eu sou um outro você” (BEUTENMÜLLER e LOCONTE, 2006).

²⁰ A leitura pela performance da incorporação é subjetiva e múltipla, extrapolando, quase sempre, a intenção do próprio poeta. Ele lança uma imagem poética, mas o que virá depois, pela interpretação, não compete mais a ele, pois os significados se dobram, desdobram e redobram ao infinito.

experimentar com novos relacionamentos. Performar é atravessar fronteiras”. E relata ainda que os artistas da performance devem imaginar, inventar e performar alternativas de tornarem-se si mesmos (SCHECHNER, 2014). Manoel de Barros, em sua performance poética, em sua comunhão universal, explora, joga e experimenta novos relacionamentos, experiencia novos, tantos e inusitados devires. Com isso, atravessa as fronteiras do pensar, do escrever, do existir e do sentir. E relatando que: “a gente escreve para se descobrir. Todo invento meu é uma aproximação de mim. Nossas maiores verdades são inventadas – alguém já me disse. Escrevo para chegar mais perto da minha fonte, das minhas antecedências” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 113) evidencia formas de imaginar, inventar e performar alternativas de se tonar si mesmo. A poesia é a grafia do corpo de Manoel de Barros, conseqüentemente, é o próprio poeta.

3. Contra-hegemonia: algumas considerações

Ainda hoje, em pleno século XXI, faz-se urgente pensar sobre a necessidade de um movimento contra-hegemônico eficiente, que venha para contrapor um sistema opressor e dominante das classes minoritárias, subalternizadas. Faz-se importante ressaltar que essa pauta vem sendo discutida desde longas datas por pensadores, ativistas, artistas etc. Não é um assunto recente, mas torna mais atual a cada dia. Atual e, como dito, urgente. Para nossas considerações sobre a contra-hegemonia é pertinente falar sobre a hegemonia, que do grego significa “supremacia”, “preponderância”.

No sistema hegemônico nos deparamos explicitamente com duas classes distintas: a primeira composta por quem detém o poder, os senhores, o homem branco, os abastados, os que têm o direito de fala e que criam e seguem moldes fundamentados em princípios particulares, portanto, excludente, mas nem tanto, porque, com a supremacia cedida a essa classe, impõe esses moldes a outrem²¹. Disciplinam!²² A segunda classe é formada por quem recebe ordens, que

²¹O autor marxista Carlos Nelson Coutinho, acerca desse contexto, vem salientar que “usando deste controle, as classes dominantes “educam” os dominados para que estes vivam em submissão às primeiras como algo natural e conveniente, inibindo assim sua potencialidade revolucionária. Dessa

são subalternizados, que não têm o direito de fala, que têm as singularidades da existência/ancestralidade apagadas, que são silenciados, pessoas negras, homossexuais, impostas à servidão, proletárias, pobres, quem segue à risca o molde vigente. Desviar dos moldes é colocar a própria vida em risco.

Ir contra a hegemonia, contra a supremacia, é uma tarefa que requer muita coragem e não pode ser um ato individual e realizado de qualquer forma, pois criar um contra-sistema advindo de um pensamento e ações antagônicas às bases hegemônicas, estas que vieram sendo fortificadas e consagradas durante os séculos, precisa de uma união de forças. Requer fundamentação, discussões, produção consistente na intenção de criar estratégias para que pessoas subalternizadas possam falar e, muito mais do que falar, assim como discutido por Spivak (2012), que tenham escuta qualificada; na intenção de deixar a condição da opressão sem intentar ser o opressor, reproduzindo o que faz o sistema hegemônico, e é aqui que entram os pensamentos do filósofo marxista italiano Antônio Gramsci e do filósofo e educador brasileiro, Paulo Freire²³.

Gramsci (1881 – 1937) e Freire (1921 – 1997), em épocas distintas, subsidiados pelos pensamentos de Karl Marx, influíram com suas propostas revolucionárias, a nova hegemonia, no caso de Gramsci e a contra-hegemonia, no caso de Freire, em seus contextos sociais, intentando insuflar na classe proletária, submetida, um posicionamento crítico frente à classe hegemônica e uma

forma, por exemplo, em nome da “nação” ou da “pátria”, as classes dominantes criam no povo o sentimento de identificação com elas, de união sagrada com os exploradores, contra um inimigo exterior e a favor de um suposto “destino nacional” de uma sociedade concebida como um todo orgânico desprovido de antagonismos sociais objetivos. Assim se forma um “bloco hegemônico” que amalgama todas as classes sociais em torno de um projeto burguês. O poder hegemônico combina e articula a coerção e o consenso” (COUTINHO, 1999, p.320, grifos do autor).

²² Disciplinar é uma forma, hegemonicamente falando, de impor uma conduta estabelecida. A disciplina “vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrija ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1999, p. 164).

²³ Paulo Freire foi leitor das obras de Antônio Gramsci e essa aproximação se fez preponderante para as suas teorias pedagógicas. Freire (in GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1995, p.54) afirma que: “para mim, o caminho gramsciano é fascinante. É nessa perspectiva que me coloco. No fundo, tudo isso tem a ver com o papel do chamado intelectual orgânico, que Gramsci estuda tão bem e tão amplamente”.

consciência política, libertária, de direitos. Ambos creditaram à educação, na fusão entre teoria e prática, nos estudos, a chave para que essa nova hegemonia ou essa contra-hegemonia fosse consolidada. Alfabetizar e letrar o proletário é oferecer a possibilidade de interpretar os códigos, de ler, de se conhecer e conhecer o mundo, de entender sobre seus direitos. É tirar a venda que manipula a cegueira. É dar autonomia. É proporcionar a oportunidade de sentir a vida, de possuir desejos e de lutar por eles. É a forma de sair da submissão, de não aceitar as imposições. Se fazer conhecedor de si, de sua história, do seu contexto e de como as relações de poder se constituem, se fazem formas principiantes para um posicionamento crítico da realidade.

Certamente as propostas libertárias de Gramsci e Freire não foram vistas com bons olhos pela classe dominante, que detinham o poder. Por isso, ambos foram presos – Gramsci²⁴ pelo regime fascista do ditador Benito Mussolini e Freire pelo regime militar brasileiro de 1964 – e exilados. Gramsci por defender um pensamento que dizia que:

O processo de afirmação da nova concepção de mundo ocorre por razões práticas e sociais, ou seja, como resultado do embate travado contra as velhas concepções dominantes. A construção ideológica hegemônica prevê a superação do senso comum tradicional para a criação de outro, mais adequado à concepção do novo grupo dirigente. A postura revolucionária exige permanente embate contra as filosofias tradicionais, implícitas, de forma desorganizada e fragmentada no senso comum, mas a elaboração das novas ideias hegemônicas não pode prescindir de tudo aquilo que é próprio do senso comum, pois este traduz espontaneamente a filosofia das multidões (GRAMSCI, 1999, p.116).

E Freire por incitar uma liderança revolucionária, ou seja, comprometida

com as massas oprimidas, tem um compromisso com a liberdade. E, precisamente, porque o seu compromisso é com as massas oprimidas para que se libertem, não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação (FREIRE, 2005, p.193).

Gramsci e Freire, nas citações acima, nos apontam um caminho para uma nova e urgente postura das classes oprimidas, subalternizadas. Dizemos nova pelo

²⁴ Foi durante a prisão, entre novembro de 1926 e 1937, que Antônio Gramsci escreveu a obra: os cadernos do cárcere (*Quaderni del Carcere*), importante material que fundamenta pensamentos/posicionamentos libertários/revolucionários. A presente obra foi subdividida, para publicação, em vários volumes.

fato dessas posturas necessitem de renovações constantes, pois sempre que houver a figura do opressor e do oprimido, operando na sociedade, pensamentos como os de Gramsci e Freire se farão novos e urgentes. Essas posturas, levando em conta as mesmas citações, precisam ser fundamentadas, como já ressaltado, em uma intelectualidade eficiente produzida pelos povos “minoritários”, pois, apresentar uma ideologia que se contrapõe a uma que há séculos predomina, requer comprovar, com produções consistentes, que ideias tradicionais, ultrapassadas, que visam emoldurar tudo e todos em um único princípio, além de ter provocado tantos silenciamentos, torturas e morte, não dá conta da pluralidade a qual compomos com nossas singularidades. Não é apenas mostrar que esse princípio hegemônico está desatualizado, mas evidenciar, de forma concisa, científica e intelectual, que ele sempre esteve desatualizado, que ele nunca foi um princípio universal e, muito pelo contrário, que ele foi e continua sendo a causa primeira da cultura do ódio e da segregação.

Segundo Spivak (2014, p. 127), “ignorar o subalterno hoje é – quer queira, quer não – continuar o projeto imperialista”, ou seja, perpetuando o aprisionamento ao qual se impuseram Gramsci e Freire. É continuar correndo, assim como preconizado por Chimamanda Adichie, o perigo da história única, contada apenas por homens brancos, cristãos, ricos. A pedagogia da libertação, a contra-hegemoniafreireana, ou a nova hegemonia gramsciana, reforçadas nas produções de subalternizadosque precisam tomar a palavra na filosofia, na literatura, nas artes, nas universidades, nas ruas, em suas casas, em seus bairros e cidade, tais como fizeram Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e todas que se dedicam a pensamentos contra-hegemônicos, vai ao encontro do que bellhooks (2013) chamou de reivindicação necessária de teorias e práticas dentro de uma estrutura holística de ativismo libertador.

Ainda seguindo as pegadas deixadas por Paulo Freire (2007), existe um eixo fundamental para que a dialogicidade se estabeleça, trata-se da politicidade. Neste sentido, tomar a palavra é um ato educativo e, conseqüentemente, um ato político com um potencial incrível de gerar o compromisso social tão necessário para a transformação e a libertação. Todo esse processo é viabilizado pela consciência

crítica, caracterizada pela “representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 2007, p. 113). Exatamente essa consciência é o que impede que o ato educativo seja neutro. Educação é engajamento. Educação foge completamente da lógica mercadológica e acontece nas interações cotidianas. Educação requer aprendizagem conjunta, troca e corresponsabilidades. Não é possível educar quem não é livre, que hospeda o opressor mesmo continuando oprimido. Assim é que “acreditamos que tomar a palavra nos liberta, como defende a perspectiva dialógica. Acreditamos que a humanização torna o diálogo possível” (DIAS, 2014, p. 347).

Com isso, a proposta de um posicionamento contra a hegemonia dominante vai ganhando e precisa continuar angariando adeptos, pessoas cujas ancestralidades foram silenciadas e que não querem que o mesmo aconteça na posteridade. E essa proposta, antes e além de ser coletiva, precisa ser desenvolvida internamente, em um processo de desconstrução desse sistema hegemônico que culturalmente foi imposto e impregnou e ainda impregna nossa educação. Precisa de um reconhecimento muito sincero de que somos seres reprodutores de ações discriminatórias e que carregamos, em nós, um opressor em potencial. Dada essa percepção primeira, de nos reconhecermos perpetuadores desse sistema e de que, diante disso, sentimos a necessidade de mudança de pensamentos e hábitos, é que podemos iniciar um processo de desconstrução de um posicionamento hegemônico para um contra-hegemônico. E isso não é uma tarefa fácil. É árdua e constante. Diária.

Sabemos que o fortalecimento dessa proposta contra a hegemonia dominante e hostil caminha a passos lentos, mas vale lembrar que, mesmo lento, ela caminha, não está parada e a cada dia que passa se fortalece ainda mais com as falas/produções de outros tantos subalternizados que resistem para existir.

3.1 Matéria de Poesia: proposição contra-hegemônica

Após termos apresentado uma breve des/bio-grafia de Manoel de Barros e disposto algumas considerações acerca da contra-hegemonia, nossa tarefa agora é propor algumas reflexões sociais contra-hegemônicas à luz de notórios versos da

poesia manoelina Matéria de Poesia. Antes de adentrarmos no poema propriamente dito, trazemos como abertura dessa nossa reflexão uma fala de Manoel de Barros que, acerca da arte do poeta, afirma ser feita de restos:

São aproveitamentos de materiais e passarinhos de uma demolição. Acho que quando escrevi isso eu falava da realidade do mundo. Me referia às injustiças enquistadas no corpo do velho mundo, que era preciso destruir. Me referia às estruturas podres da civilização. E penso que é com restos dessa civilização que estamos fazendo arte hoje. A minha poesia é cada vez mais fragmentada porque as palavras me acham assim: mais fragmentado. Penso que os meus conflitos cresceram tanto dentro de mim a ponto que me fizeram pedaços (BARROS apud MÜLLER, 2010, p.110).

Eis a fundamentação da nossa reflexão. Muito mais do que fundamentar, a citação comprova que o caminho que pretendemos seguir, nessa escritura, se faz plausível e vai ao encontro de algumas características que ele propõe em sua poética. Novamente ressaltamos que nossa intenção não é limitar o caráter múltiplo que uma poesia tem. Não queremos fechar o cerco. Muito pelo contrário, queremos apresentar “uma” das possibilidades interpretativas que, Matéria de poesia, incorporada por nós, suscita em nosso corpo e consciência. E se é com restos dessa civilização que hoje se está fazendo arte, nada mais justo do que usar da arte, da poesia, para retornarmos à civilização, à sociedade. Poder pensar a estrutura social que compomos e que, de alguma forma, tentamos, os considerados subalternos, decompor, para que, cada dia que passa, mais pessoas caibam nela.

Matéria de Poesia, de 1974, traz em seu primeiro verso a sugestiva configuração: “todas as coisas cujos valores podem ser/ disputados no cuspe à distância/ servem para a poesia” (BARROS, 2010, p.145). Logo na abertura podemos notar um apreço manoelino pelo desimportante. Pelos valores que podem ser disputados no cuspe. E o que é que vale um cuspe? “Geralmente”, nada! No cuspe liberamos secreções que não servem ao corpo. São impurezas, coisas sem importância, facilmente descartadas pela simples ação de expelir. Se cuspir elimina as coisas desimportantes dentro de um corpo, qual seria o valor das coisas que podem ser disputadas no cuspe à distância? “Praticamente” nenhum.

Aqui ressaltamos duas importantes palavras: geralmente e praticamente. Quando dissemos que o cuspe vale geralmente nada é porque vale para alguma coisa. Ele não é desimportante. Faz-se um auxiliar do corpo, como dito, na

eliminação das toxinas, das impurezas, no entanto, tem a sua relevância. Pode nos parecer um ato banal, desconsiderado, mas possui grau de utilidade ao corpo. Com isso, aqui, pela licença poética, ressignificamos o cuspe, algo que não foi feito por Manoel de Barros, mas que, pela sua poesia, conseguimos fazer. O cuspe, na poesia manoelina, vem para dimensionar o valor quase zero das coisas que podem ser, por esse ato, disputadas à distância. Seguindo nesse raciocínio, outra palavra que ressaltamos foi “praticamente”. Essas coisas disputadas no cuspe não tem praticamente valor nenhum, mas servem demais para a poesia. Cabem no poema e é pela poesia que elas ganham lugar de destaque. Sai de seu lugar de abandono, de inutilidades e recebem honrarias poéticas. Tanto o cuspe quando todas as coisas desimportantes tiveram seu lugar na poesia de Manoel de Barros e continuam tendo, pela presença que a obra tem no cenário social.

Diante da passagem: “Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma/ e que você não pode vender no mercado/ como, por exemplo, o coração verde/ dos pássaros,/ serve para a poesia” (IBIDEM, 146), nos deparamos com uma proposta de reflexão atual e urgente, diante das catástrofes ambientais que estamos, no Brasil, vivendo. O que não é rentável, o que não contribui para o progresso da economia, é facilmente considerado aquilo que não nos leva a coisa nenhuma. E se não nos leva a coisa nenhuma, não tem importância, não tem valor de mercado, não carece de cuidado e proteção. O coração verde dos pássaros, aqui, vem metaforizar nossa fauna e flora, devastadas pelo fogo, pela irresponsabilidade política, pela ganância de quem já têm tanto e que quer possuir muito mais. E, novamente, conseguimos notar, diante dos fatos atuais, a rede de poder que, com hostilidade, massacra, segrega, padroniza, elege, se beneficia. Escolhe o que se vende e que é rentável ao mercado. E vende tudo! E acaba com tudo! E aquilo que foi deixado de lado, abandonado por ser considerado desimportante, sofre, diretamente, as consequências dessa ação hegemônica, dominante e, portanto, hedionda. Qual parcela social que sai ganhando com toda essa ação capitalista? Será que são os povos tradicionais, os índios? A própria natureza? Ou será que são os grandes latifundiários? Quem são os que morrem à queima roupa? Quem são os que matam? Quem são os que escolhem o que vender no mercado? Para quem o

coração verde dos pássaros não é importante? Quem faz essa escolha? Essa escolha existe? Manoel de Barros afirma que sim. Para ele, a exclusão existe quando nos aponta que tudo o que não nos leva a coisa nenhuma e que não pode ser vendido no mercado, como o coração verde dos pássaros, serve para a poesia. Mas ao mesmo tempo em que confirma a exclusão, traz tudo isso ao poema, inclui à poesia, reconhecendo o valor inestimável das pessoas e das coisas renegadas.

Ainda em Matéria de poesia nos deparamos com outras passagens muito plausíveis: “Tudo aquilo que nossa/ civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para a poesia/ Os loucos de água e estandarte/ servem demais/ O traste é ótimo/ O pobre-diabo é colosso” e ainda: “Pessoas desimportantes/ dão para poesia/ [...] As coisa jogadas fora/ têm grande importância/ – como um homem jogado fora” (BARROS, 2010, p. 146,147). Evidenciamos, assim, todos que foram e são silenciados por serem diferentes, por se posicionarem pela diferença. Os verbos ser e posicionar nos dimensionam um entendimento que perpassa pela constituição existencial do sujeito – o ser – e pela maneira de como as coisas são percebidas, portanto, defendidas – o posicionar.

Para representar o ser, trazemos as pessoas negras, homossexuais, mulheres, com deficiência, favelados, mendigos, andarilhos, não binários, indígenas, umbandistas e candomblecistas. Trazemos, enfim, toda essa parcela de gente considerada desimportante, o homem e a mulher jogados fora, o traste, os pobres-diabos, os loucos de água e estandarte, todos os que são rejeitados, pisados em cima, mijados pela sociedade. Quem carrega, desde o nascimento, o racismo, o preconceito, a discriminação. Todos que são criticados, humilhados, intimidados, que apanham nas ruas, que são assassinados ou que morrem devido às condições precárias de vida. Os que são excluídos e considerados escória social pela grande maioria da comunidade hegemônica, branca, heteronormativa, cristã, abastada que, desde o princípio, vem ditando as regras e impondo uma única forma de ser, pensar e existir. Estes que incitam a segregação, o ódio e o medo nas pessoas marginalizadas: o preto que é bandido, o gay que, por ser gay tem HIV, a mulher que é a dona de casa, o mendigo que leva as crianças no saco preto,

osmacumbeiros que compactuam com o diabo, entre outros rótulos bastante severos.

Em relação ao verbo posicionar, lembramos de todas as pessoas que, mesmo não sendo pretas, gays, mendigas, mulheres, faveladas, com deficiência, umbandistas e candomblecistas se solidarizam com as pautas existenciais e sociais de quem é considerado marginalizado. Muito mais do que se solidarizar, entram na luta, vestem a camisa e caminham lado a lado, sendo, por isso, também discriminadas. E são essas coisas rejeitadas pela civilização que, para Manoel de Barros, dão para poesia. E é também, por meio delas que incorporamos sua poesia, ressignificamos poeticamente a “inutilidade social”, dando a importância que têm.

Retiramos, então, de Matéria de poesia um último verso inspirador que vem para unir tudo o que apresentamos até o momento: “O que é bom para o lixo é bom para a poesia” (BARROS, 2010, p.147). Sabemos que o lixo é um local onde ninguém gostaria de estar e é triste saber que uma grande parcela da sociedade está nesse lugar de descarte, de abandono, de exclusão. Nesse mesmo lixo, os restos guardam e contam histórias. Histórias sofridas, de lutas, mas também de conquistas, brilhantismo, superação e motivação. Um lixo cheio de poesias. Se tudo que é bom para lixo é bom para poesia, é porque este é um depósito de preciosidades. No lixo social há poder, criatividade, inspiração, liberdade, vida. Quem está no lixo social incomoda, rompe com a normativa. Contrapor a ordem é combater o bom combate, é escrever poesia que mistura suor e sangue protagonizada por outros humanos²⁵.

4. Epílogo

A escrita é um ato revolucionário materializado em palavras. Ela se configura, deleuzeanamente falando, como uma máquina de guerra a afrontar o pensamento e

²⁵ “Sei que minha poesia é atravessada, dede o primeiro livro, por seres humanos. Mais especialmente por aqueles que moram debaixo do chapéu: porque não têm casa. Mais especialmente por andarilhos e por loucos de água e estandarte. E ainda mais por pessoas que moram no abandono da sociedade. Por isso eu acho que nunca andei fora deste mundo. Eu nunca fui sideral. Lido mais com desperdícios, com sucatas verbais e com insignificâncias. Mexer com gratuidades me enriquece” (BARROS apud MÜLLER, 2010, p. 154).

outros pensares e, aqui, com a nossa escrita, intentamos contribuir com os estudos contra-hegemônicos. Para tanto, a miscelânea entre literatura/poesia, filosofia, arte, sociologia, educação se fez salutar nessa escritura, uma vez que os esforços precisam ser somados, caso queiramos, com fundamentos, contrapor à hegemonia dominante. Nossa batalha, portanto, é inter, multi e transdisciplinar, pois, afinal, não estamos falando de unicidade, mas, ao contrário, de multiplicidade. Um canto composto por múltiplas vozes, pelos mais diversos timbres. Ultrapassar a barreira do hegemônico, do uno quase inviolável, só se faz viável e pertinente com a apresentação de uma contraproposta, ou seja, um projeto que desvencilhe a lógica que tudo rege.

A inter-relação com Manoel de Barros, nesse texto, unida a outras ressonâncias, confirma a notoriedade desse terreno inter, multi, transdisciplinar em nossa contraproposta. A poesia manoelina pode ser considerada uma contribuição na formulação e consolidação desse espaço da nova hegemonia/contrahegemoniagramisciana e freireana, configurada aqui como performance textual. Uma poesia que nos possibilita pensar a estrutura social e extrapolar a própria representação. Antes de nos levar a pensar e a repensar o mundo exterior, a poética de Manoel de Barros nos possibilita desvencilhar de amarras que limitam nossa capacidade interpretativa. Por ser uma poesia para incorporar, mexe com a nossa razão. Encabula. Desorienta, pois ela não se faz linear. Não nos entrega um sentido definido. Assim, antes de nos colocar para pensar a hegemonia que rege o mundo, nos coloca para pensar os aspectos hegemônicos que usamos para nos dominar e limitar. Com isso, partimos de uma transformação íntima, particular, para, após, estendermos nossa percepção do mundo.

Com uma obra instigante, incomum, diríamos, Manoel de Barros nos convida a ampliar nossos horizontes, sejam quais forem eles. A poesia manoelina, por essência, é fora das fôrmas e das formas. Como apresentado, embaralha os códigos da língua. Brinca com a gramática a ponto de criar uma agramática e até mesmo um idioleto²⁶ manoelêsarchaico, “que é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e as moscas” (BARROS, 2010, p. 338). As matérias de sua poesia, quase

²⁶*Agramática e idioleto* são termos usados pelo próprio Manoel de Barros.

todas elas, só podem ser encontradas à margem, descentralizadas e, tendo em vista o que apresentamos aqui, acerca do entendimento da nova hegemonia, podemos considerá-las matérias de poesia contra-hegemônicas.

Pela poesia, arejando as palavras, rompendo com os significados e definições e propondo possibilidades poéticas diversas, Manoel de Barros nos propicia fôlego para continuarmos com as produções que rompam com o estabelecido e que coloquem em evidencia, constantemente, essa grande e importante parcela social que foi esquecida e silenciada durante tanto tempo pela classe hegemônica. Fôlego esse, também, que nos impulsiona a não aceitar o fascismo que nos limita e limita nossas vidas e criações, para que, assim, continuemos arejando e fortalecendo nossas singularidades, desejos e diferenças em um contexto social ainda amplamente excludente, hegemônico.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BEUTENMÜLLER, Alberto e LOCONTE, Wanderley. **Os maias – o povo das estrelas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Direção: Pedro Cezar. Distribuidora: Downtown Filmes. 78 min. Color. Documentário audiovisual, 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2008. v. 5.

DIAS, Luciene O. Desatando nós e construindo laços: dialogicidade, comunicação e educação. In: SOUZA, R. M. V.; MELO, J. M.; MORAIS, O. J. **Teorias da Comunicação**: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino. São Paulo: Intercom, 2014. p. 328-350.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: uma teoria e prática da libertação introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1995.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MÜLLER, Adalberto (Org.). **Encontros**: a arte da entrevista. Coletânea de entrevistas com Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

PIZZINI, Joel. **Manual de Barros**. Direção: Joel Pizzini. Produção: Pólofilme. 61 min. Color. Documentário audiovisual, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAVAGETI, Cláudio; RODRIGUES, Enilton. **Paixão pela palavra**. Documentário sobre a vida e obra de Manoel de Barros, Canal Futura, 2007.

SPIVAK, G. **An Aesthetic education in the era of globalization**. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 2012.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2014.

SCHECHNER, Richard. Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo?. In. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, set./dez., 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/18251>. Acesso em: 10 set. 2017.

WALDMAN, Berta. A poesia ao rés do chão. In: BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.